

Publicação científica como fonte de pautas



New rule for Science Journalism:

If your article can be summarized as "No."
don't write it.

ALEXANDRE GONÇALVES

O ESTADO DE S. PAULO

06/10/2011

Sumário

Sobre artigos científicos	4
Fator de Impacto.....	4
Publicações Internacionais.....	6
Eurekalert.....	6
Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS).....	6
Science.....	7
Science Translational Medicine	7
Journal of the American Medical Association (Jama)	7
Cell Press.....	8
The Lancet.....	8
Public Library of Science (PLOS)	8
Nature Publishing Group (NPG).....	9
Nature.....	9
Nature Research Journals.....	10
New England Journal of Medicine (NEJM)	10
Cochrane	10
Comentários adicionais sobre o Sistema de Embargo	11

Publicações Nacionais.....	12
SciELO	12
Bancos de Teses.....	12
Como ler um artigo científico.....	13
Dos autores.....	14
Conflitos de interesses	15
Press releases	15
Especialistas brasileiros: onde encontrá-los?.....	16
Lattes.....	16
SciELO	17
Assessorias de imprensa que funcionam	17
Dicas para entrevistas	17



Sobre artigos científicos

Artigos científicos são ótimas fontes de pautas. Ao contrário de pesquisas feitas por governos, empresas e organizações não-governamentais, eles são submetidos a um processo de revisão pelos pares (*peer review*) que diminui muito o nível de picaretagem, má-fé e preguiça que impregna a informação científica divulgada por assessores de imprensa.

O sistema de publicação de artigos científicos funciona assim: um grupo de pesquisadores realiza uma descoberta que julga interessante. Para divulgá-la na comunidade científica, escreve um artigo e envia para o conselho editorial de um periódico (normalmente a revista de maior prestígio que poderia publicar aquele artigo). O conselho editorial realiza uma análise prévia do trabalho e pode responder com um lacônico: “Esqueça. Seu artigo não se enquadra no perfil da nossa revista” (uma forma polida de dizer: “Seu artigo não é bom o suficiente”). Pode, por outro lado, considerá-lo digno de análise. Nesse caso, a revista envia o artigo para pesquisadores da área em questão. A identidade dos pares revisores permanece em sigilo – ao menos, teoricamente – para que seu juízo seja idôneo. Artigos bem avaliados pelos pares são publicados. Caso contrário, os autores costumam reenviar o artigo para uma revista de menor prestígio, mas com critérios de qualidade ou inovação menos exigentes.

Fator de Impacto

Nem todos os artigos científicos possuem o mesmo peso. Um paper na *Nature* tem mais prestígio que um paper publicado na *Clinics*, revista da Faculdade de Medicina da USP: presume-se que os “pares revisores” são melhores e há uma competição maior para ocupar as páginas do periódico britânico.

Para mensurar a importância das revistas científicas, foi criado um índice conhecido como fator de impacto. O critério para cálculo do impacto de um periódico é bastante simples: divide-se o número de citações dos artigos publicados no biênio anterior pelo número de artigos publicados no mesmo período. Um artigo publicado na *Nature*, por exemplo, é citado, em média, 30 vezes em outros papers. Já um artigo da *Clinics* é mencionado 1,8 vez, segundo o mesmo critério (uma marca excelente para um periódico brasileiro).

Infelizmente, o fator de impacto é uma marca registrada da “máfia” ISI – Thomson Reuters. Ou seja, precisamos pagar para conhecê-lo.

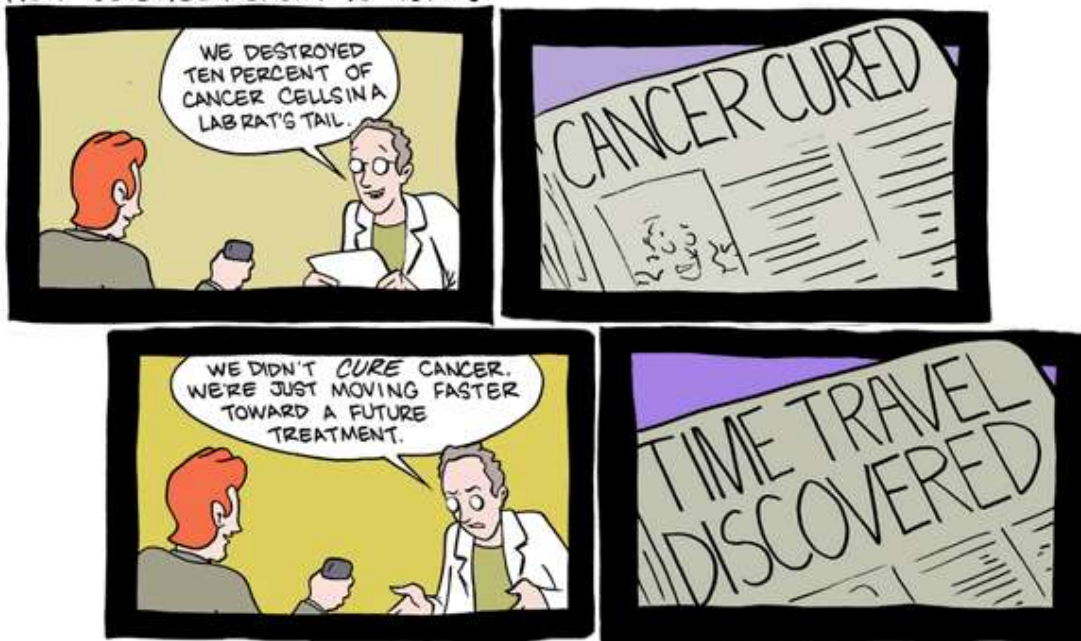
Felizmente, há boas alternativas gratuitas. A melhor é a SCImago (www.scimagojr.com), ligada a base de dados de artigos científicos Scopus. Vale a pena visitar o website. Além de avaliar revistas, é possível comparar o desempenho de países. O Brasil, por exemplo, ocupa a 15ª posição no número de artigos publicados, mas é o 38º no número de citações (eliminando-se países minúsculos com menos de sete mil papers).

Para análise do impacto de periódicos brasileiros que não estão indexados lá fora – ou seja, ainda não foram incluídos nos bancos de dados internacionais –, vale a pena visitar o site do Scielo (www.scielo.org/php/index.php?lang=pt) e clicar no link “Citações” dentro da seção “SciELO em números”. A *Acta Amazonia*, por exemplo, – uma revista do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) – possui fator de impacto 0,0235 (bastante modesto, bem abaixo do 1,8 da *Clinics*).

Obviamente, o paper de um brasileiro publicado em uma revista de alto impacto – como *Neuron*, *Nature* ou *Science* – possui alta probabilidade de ser notícia (exceto quando o assunto é tão específico ou complexo que só 0,001% dos nossos leitores entenderia ou julgaria relevante).

No entanto, há casos em que um paper publicado em uma revista de baixo impacto nacional pode despertar interesse. Um estudo sobre a distribuição dos postos de saúde na cidade de São Paulo dificilmente seria publicado em uma revista internacional de prestígio: é um tema muito ligado à nossa realidade particular. Mesmo assim, pode render uma ótima pauta.

HOW SCIENCE REPORTING WORKS:



Comic source: T. Ryan Gregory/genomicron.blogspot.com

Publicações Internacionais

Grandes grupos de periódicos internacionais costumam criar mecanismos para divulgação – gratuita e sob embargo – de artigos científicos para a imprensa.

Vale lembrar: JAMAIS FURE O EMBARGO DE UMA NOTÍCIA. A punição varia de meses a semanas sem acesso ao banco de pesquisas embargadas NÃO SÓ PARA VOCÊ COMO PARA TODAS AS PESSOAS QUE TRABALHAM NA MESMA EMPRESA. Ou seja, meses ou semanas levando furo da concorrência.

Abaixo, os principais sistemas internacionais de divulgação de artigos científicos.

Eurekalert

O Eurekalert (www.eurekalert.org) pertence à Sociedade Americana para o Progresso da Ciência (AAAS, na sigla em inglês; lê-se “Triple A-S”). Reúne em um só portal as principais pesquisas publicadas em periódicos do eixo EUA-Inglaterra.

Se você ainda não possui um login no site, a melhor seção é “Breaking News” (www.eurekalert.org/pubnews.php). Lá, você encontrará centenas de press releases de artigos científicos ordenados por data, começando pelos mais recentes. Normalmente, eles vêm com o e-mail de um dos autores da pesquisa. Você pode mandar uma mensagem solicitando o PDF do artigo.

Naturalmente, o mais interessante é requisitar um login para o site. Basta clicar na opção “Register”, preencher o formulário na internet e seguir as instruções – que incluem o envio de um documento em papel timbrado do jornal e assinado pelo seu chefe atestando que você é realmente um repórter do grupo. A senha para acessar o site costuma chegar em 24 horas.

Com a senha, você pode acessar a área de acesso restrito à imprensa: uma seção chamada “Embargoed News” (www.eurekalert.org/reporter/embargoed.php). Na coluna central, você também encontrará centenas de releases, mas com uma diferença: data e hora de embargo para publicação.

É impossível seguir todos os releases disponibilizados nesta coluna. Você pode, porém, configurar o envio de e-mails diários com os novos releases das seções “Breaking News” e “Embargoed News”. Basta clicar na seguinte sequência de links “My Settings” >> “Edit EurekAlert! Express”. É muito recomendável ler estes e-mails diariamente.

Ainda na seção “Embargoed News”, na coluna da direita, há uma lista dos principais periódicos que divulgam seus artigos no EurekAlert. Clicando nos links desta coluna somos redirecionados para as páginas específicas de cada revista: aqui estão as pautas mais valiosas. Vale a pena fazer comentários específicos sobre cada periódico.

Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS)

É o periódico da Academia Americana de Ciências. Tem caráter generalista (ou seja, aborda de psicologia a física nuclear) e fator de impacto 9,38. Os novos artigos costumam ser divulgados na quinta-feira sob embargo e podem ser publicados na edição de terça-feira da semana seguinte.

Na página específica da PNAS (www.eurekalert.org/jrnls/pnas/), há dois links importantes:

“Article Highlights”: A equipe de comunicação da PNAS costuma escolher cinco artigos para destacar na edição da revista. Eles recebem tratamento especial com a confecção de press releases e, às vezes, disponibilização de imagens.

“Table of Contents by Authors' Geographic Region”: Aqui você encontra a lista de países dos autores que publicaram artigos na revista. Naturalmente, procuramos brasileiros.

Normalmente, ao se inscrever no Eurekalert, você começará a receber e-mails semanais com os destaques dos artigos embargados da PNAS. Se isso não acontecer, basta enviar uma mensagem para PNASnews@nas.edu pedindo para incluírem você no mailing list.

Além disso, você pode enviar uma mensagem para PNASjsub@nas.edu solicitando acesso a todo o banco de dados de artigos já publicados pela PNAS, um recurso interessante para pesquisas. Eles responderão com um login e uma senha específicos para você usar.

Science

Fundada em 1880 e com fator de impacto 24,19, é uma das principais revistas científicas do mundo. Por isso, na página específica (www.eurekalert.org/jrnls/sci/), vale a pena clicar direto no link “Find Local Authors”. Instituições brasileiras que realizam a façanha de publicar na *Science*, normalmente, rendem pauta.

Depois, ler com carinho os demais releases da revista. Além dos PDFs dos artigos, há normalmente contato dos pesquisadores, imagens, comentários de outros especialistas, podcasts e outros materiais que ajudam na apuração. Enfim: de um profissionalismo comovente.

Ao se inscrever no EurekaAlert Express, você receberá por e-mail, no domingo à noite, a descrição dos papers que serão publicados na semana pela *Science*. O embargo costuma cair na quinta-feira. Ou seja, as matérias podem ser publicadas na sexta-feira no jornal impresso.

Por fim, vale lembrar que, quando você está conectado ao EurekaAlert como jornalista, pode ter acesso a TODO conteúdo publicado pela *Science* desde 1880. Basta visitar www.sciencemag.org. Mas você precisa estar logado ao EurekaAlert.

Science Translational Medicine

Lançada em 2009, ainda não tem fator de impacto calculado. Mesmo assim, conta com muito prestígio herdado da revista mãe (*Science*). Como o próprio nome deixa claro, trata de temas relacionados à saúde. A estrutura do site específico (www.eurekalert.org/jrnls/scitransmed/) é idêntica à da página da *Science*. Inscrições no EurekaAlert Express também garantem o recebimento por e-mail, no domingo à noite, da descrição dos papers da semana. O embargo cai na quarta-feira. Ou seja, as matérias podem ser publicadas na quinta-feira no impresso.

Journal of the American Medical Association (Jama)

O fator de impacto do *Jama* (www.eurekalert.org/jrnls/jama/) é 18,98. Todos os trabalhos estão relacionados à área médica, a maioria com base em levantamentos realizados nos Estados Unidos, o que, muitas vezes, torna necessário o “abrasileiramento” das pautas.

Contudo, com a senha do EurekaAlert, só temos acesso aos press releases (aliás, muito bem escritos). Para conseguir os papers precisamos de um cadastro no *Jama for the Media* (www.jamamedia.org). Basta enviar um e-mail para mediarelations@jama-archives.org solicitando o acesso. Além dos papers embargados, você terá acesso a todos os artigos publicados pelo *Jama*.

O *Jama* é publicado nas quartas-feiras. O embargo costuma cair na terça-feira à tarde.

Associado ao *Jama*, há outras publicações relacionadas a áreas específicas da Medicina. Elas recebem o nome de Archives Journals (*Archives of General Psychiatry*, *Archives of Ophthalmology* etc.) O embargo cai na segunda-feira e o material pode ser publicado na terça-feira no impresso.

Também há a opção de alertas por e-mail, mas eles só são enviados depois que o artigo é publicado e cai o embargo. Por isso, vale a pena ficar atento ao site. Os releases já estão disponíveis na quinta-feira da semana anterior ao embargo, às 17 horas.

Cell Press

O grupo *Cell Press* publica 12 revistas com ótimos fatores de impacto: *Cancer Cell* (26,07), *Cell* (32,79), *Cell Host and Microbe* (12,45), *Cell Metabolism* (18,13), *Cell Stem Cell* (20,97), *Chemistry and Biology* (5,89), *Current Biology* (9,98), *Developmental Cell* (12,87), *Immunity* (20,51), *Molecular Cell* (14,87), *Neuron* (13,32) e *Structure* (5,58).

As datas de embargo são aparentemente caóticas (embora exista regras do tipo: a *Cancer Cell* libera artigos com data de embargo para segunda-feira uma vez por mês e a *Molecular Cell* tem data de embargo nas quintas-feiras e libera artigos duas vezes por mês). Melhor mesmo se cadastrar para receber os alertas por e-mail. Basta visitar a página específica da *Cell Press* (www.eurekaalert.org/jrnls/cell), clicar no link “Register for Email Alerts” e seguir as indicações.

Além disso, é possível acessar o acervo de todas as revistas publicadas até hoje. Na página específica também há um link “Media Access to Journal Archives”. Lá você encontrará um nome de usuário e uma senha para acessar todos os artigos já publicados.

The Lancet

Periódico da área médica que também goza de muito prestígio (fator de impacto: 13,3). Não há data específica para embargo ou publicação. Por isso, vale a pena cadastrar-se para receber os alertas por e-mail, enviando uma mensagem para pressoffice@lancet.com (informando que você já tem acesso aos releases pelo EurekaAlert).

Também inclui outras três revistas: *The Lancet Oncology* (9,63), *The Lancet Neurology* (16,65) e *The Lancet Infectious Diseases* (12,69).

Public Library of Science (PLOS)

A PLoS (www.plos.org) é talvez a iniciativa mais interessante da AAAS: um conjunto de revistas que disponibiliza gratuitamente todos os papers segundo a filosofia do código aberto. O objetivo dos seus fundadores é democratizar o acesso à informação científica.

Os fatores de impacto estão crescendo: PLoS One (3,78), PLoS Biology (5,82), PLoS Medicine (9,22), PLoS Genetics (5,74), PLoS Pathogens (5,62), PLoS Computational Biology (4,29) e PLoS Neglected Tropical Diseases (3,98).

O EurekAlert também tem uma área específica para a PLoS (www.eurekalert.org/jrnls/plos) com releases de artigos embargados, mas não há um dia pré-determinado na semana para sua divulgação. Sendo assim, precisamos entrar periodicamente no site. Quem quiser, pode solicitar o envio de alertas por e-mail aqui: www.plos.org/contact_form.php?recipient=pre.

Contudo, só uma parcela ínfima dos papers publicados pela PLoS passam pelo sistema de embargo. Quase todos caem direto no site. Por isso, vale a pena checar com frequência as novas contribuições de brasileiros na PLoS. Segue um passo-a-passo de como listar os últimos trabalhos publicados por brasileiros:

1. Visite www.plosone.org.
2. Clique em “Advanced Search”.
3. No campo em que está escrito “All fields”, escolha “Author Affiliations”.
4. Escreva “Brazil” no campo “Enter search terms”.
5. Clique em “Search”.
6. No campo “Sorts results by:”, escolha “Date, newest first”.

Surgirá uma bela lista – obviamente sem press releases – com todos os últimos artigos publicados por brasileiros. O desafio é descobrir quais pesquisas rendem um bom lide.

Nature Publishing Group (NPG)

Depois do EurekAlert, o segundo portal mais importante para jornalistas de ciência é o do Nature Publishing Group (press.nature.com). Para se inscrever, o processo é semelhante ao EurekAlert: clicar no link “Apply to register” e seguir as instruções.

Ao ingressar no portal, convém clicar no link “Update e-alerts” e configurar o envio de alertas por e-mail sempre que houver material novo.

Nature

A principal revista do NPG é a *Nature*, um periódico generalista fundado em 1869 com fator de impacto 30,32. É considerada a principal revista científica do mundo.

Ao ingressar no site, clicamos no link “Nature”. Aparecem as edições da revista ordenadas por data, começando pelas mais recentes.

Facilmente percebemos que há dois tipos de edição. Um deles vem com um volume e um número. O outro com a sigla “AOP”.

O primeiro corresponde às edições impressas do periódico. Nesse caso, os press releases são divulgados na quinta-feira e o embargo cai na quarta-feira da semana seguinte à tarde.

O segundo corresponde às edições “ahead of print” (daí a sigla), ou seja, papers que são divulgados na internet várias semanas antes da sua publicação na versão impressa. Os press releases são divulgados na terça-feira e o embargo cai no domingo da semana seguinte à tarde.

Ao clicar em qualquer uma das edições, somos direcionados para uma página com todos os artigos da revista que podem despertar interesse jornalístico. Como no caso da *Science*, vale a pena procurar o link “GEOGRAPHICAL LISTING OF AUTHORS” para ver se há algum brasileiro na edição: normalmente, vale matéria.

O profissionalismo também impressiona: além dos PDFs e do contato dos autores, há imagens, podcasts, artigos com comentários etc.

Nature Research Journals

Há 19 periódicos de bom impacto que orbitam ao redor da *Nature*: são os *Nature Research Journals*. Ao contrário da revista mãe, são específicos e tratam de temas como nanotecnologia, clima ou genética.

Normalmente, a divulgação dos releases ocorre na terça-feira e o embargo cai no domingo à tarde. As matérias podem ser publicadas na edição impressa da segunda-feira. Como são várias revistas, ajuda muito configurar o envio dos alertas por e-mail: toda terça-feira, o NPG envia uma única mensagem com todos os artigos sob embargo dos *Nature Research Journals*.

New England Journal of Medicine (NEJM)

O NEJM é o principal periódico de medicina do mundo (fator de impacto 29,42). Surgiu em 1949. Também possui um Media Center bem organizado (www.nejm.org/media) que provê acesso a todas as pesquisas já divulgadas pela revista científica, além de acesso ao material sob embargo. Para se cadastrar, clique em “Apply for advance access” e siga as instruções.

O material embargado pelo NEJM é divulgado na sexta-feira. O embargo cai na quarta-feira à tarde da semana seguinte. Logo, o impresso pode publicar na quinta-feira. Também é possível configurar alertas por e-mail. Basta clicar em “My NEJM”>>”Manage Alerts”.

Algumas vezes surgem também papers “ahead of print” que não estavam previstos. Nesses casos, o NEJM envia mensagens para os jornalistas cadastrados.

Cochrane

Muitos artigos científicos chegam a resultados mutuamente contraditórios. Em campos como a medicina, essa confusão pode ser desastrosa. Daí a necessidade de revisões sistemáticas: trabalhos que simplesmente reúnam as informações obtidas e apontem a conduta mais acertada. O banco de dados de revisões de maior prestígio na área médica é a Cochrane Library, que hoje pertence ao grupo Wiley-Blackwell.

A Cochrane (www.thecochranelibrary.com) tem a última palavra em questões como: eficácia do uso de preservativos, melhor conduta em caso de AVCs, conveniência de terapias alternativas contra câncer etc.

Para conseguir acesso gratuito a tudo o que foi publicado, mande um e-mail para Jennifer Beal (healthnews@wiley.com), explicando quem você é e porque necessita do acesso ao banco de revisões. Eles não contam com um Media Center que divulgue os artigos sob embargo na web. Em compensação, você pode pedir para que enviem por e-mail alertas sobre as próximas revisões que serão publicadas. Quando alguma lhe interessa, você pode solicitar o envio do PDF sob embargo.

No Brasil, muitas revisões estão disponíveis sem custo para qualquer pessoa com acesso a internet. Basta acessar <http://cochrane.bvsalud.org/>.

Comentários adicionais sobre o Sistema de Embargo

Percebe-se facilmente que o sistema de embargo pode prover boas pautas para quase todos os dias da semana. Basta considerar a seguinte tabela:

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Nature Research Journals	PNAS Archives Journals	JAMA	Nature Science Translat. Medicine NEJM	Science	X	X

Sem contar: PLoS, Cell Press, The Lancet, Cochrane e demais releases enviados pelo EurekAlert.

Mas vale a pena repetir: se alguém fura o embargo, todo mundo no grupo é punido. O acesso da empresa é cortado.

Ao enviar um paper para um especialista brasileiro comentar, devemos deixar claro que ele não pode repassar este artigo a terceiros.



Publicações Nacionais

A maioria dos periódicos nacionais está engatinhando. Há alguns anos surgiu o projeto de um EurekAlert brasileiro, mas continua um sonho distante. Até lá, a principal ferramenta é o sistema Scielo.

Scielo

O Scielo (www.scielo.org) foi criado por dois pesquisadores brasileiros – Abel Packer e Rogério Meneghini – que o definem como um “modelo de publicação eletrônica para países em desenvolvimento”. Sob certo ponto de vista, parece com a PLoS: todos os artigos estão disponíveis sem custo na web. Contudo, ao contrário das revistas da PLoS, o Scielo não é um periódico, mas uma biblioteca de periódicos brasileiros, latino-americanos e ibéricos.

No canto direito da página do Scielo (www.scielo.org), há um espaço para press releases, ainda bastante precário. Vale a pena visitar revista por revista e verificar o que há de novo. Elas estão organizadas por assunto na coluna do meio do www.scielo.org. Mas incluem também periódicos do Scielo de língua espanhola. Normalmente é mais fácil visitar a página brasileira (www.scielo.br) e clicar no link “subject list” ou “lista por assunto”.

Podemos clicar, por exemplo, na revista *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, o periódico brasileiro mais antigo (1909) e com maior fator de impacto (2,13). Na parte superior da tela, aparece uma barra de botões para navegar nas edições. Normalmente, estaremos interessados na edição “Atual”. Às vezes, o botão “Próximo” estará azul também (e não preto), indicando que já há papers da próxima edição disponíveis. Vale a pena ficar atento a essa pré-divulgação, pois é uma boa chance de furar a concorrência.

Obviamente, não é muito prático vasculhar a página de cada um dos mais de 700 periódicos do sistema Scielo. Vale a pena usar o RSS. Se você não sabe o que é RSS, dê uma fuçada em <http://reader.google.com>. O sistema RSS de cada revista está ao lado da barra de botões: é um quadrado laranja.

Bancos de Teses

Outra fonte de pautas são os bancos digitais de teses das universidades brasileiras de maior prestígio. Considerando que nosso ambiente acadêmico é pouco exigente, a maioria das teses não serve para muita coisa. Além disso, tratam de temas bastante específicos. De qualquer forma, com um pouco de experiência, é possível filtrar aquelas que rendem pauta.

USP: <http://www.teses.usp.br/> e <http://www.usp.br/agen/?cat=105>

PUC-SP: <http://www.pucsp.br/pos/dissertacoes/defesas.htm>

Unicamp: <http://cutter.unicamp.br>

Unesp: <http://unesp.br/cgb/conteudo.php?conteudo=562>

Como ler um artigo científico

Virtualmente, qualquer artigo científico publicado em uma boa revista pode virar pauta. Alguns, no entanto, exigiriam tanto esforço – e tempo – de compreensão que é inviável investir neles. Além disso, acreditamos que artigos sobre cardiologia ou consumo consciente despertam mais interesse do que astrofísica ou psicologia social¹. Sendo assim, convém aprender a triar os artigos.

Normalmente, artigos científicos vêm com “abstracts” – resumos que descrevem o contexto, o método, as principais descobertas e conclusões do artigo – logo no início do texto. É um bom começo. Já responde perguntas como:

O assunto é interessante e/ou importante?

O estudo foi feito in vitro, in silico (em simulações computacionais) ou in vivo? Em humanos ou animais? Naturalmente, resultados de estudos com seres humanos são mais interessantes, pois estão mais próximos de futuras aplicações. Há quem diga que todas as doenças já foram curadas em camundongos.

A pesquisa é inovadora ou só reforça resultados anteriores? Muitas vezes, precisaremos conversar com um especialista que não participou da pesquisa para perguntar: “Isso aqui é novo?” Obviamente, não queremos descobrir se é novo para a academia – normalmente não é. Queremos saber se é novo para o leitor médio do nosso veículo.

Se a pesquisa é apenas uma revisão de estudos anteriores, apresenta alguma conclusão que contraria o consenso usual? Uma revisão que simplesmente reafirma o que todo mundo já sabe – a Terra é redonda, cigarro causa câncer... –, não serve para muita coisa. Mas uma revisão que comprova, por exemplo, que suplementos vitamínicos são uma enganação (caso hipotético), vale uma matéria.

O número de indivíduos – o famoso N – incluídos no estudo é significativo? O N significativo pode variar de acordo com a pesquisa. Um artigo que analisa uma população de 50 indivíduos com doença de Gaucher, por exemplo, tem um N significativo: a enfermidade afeta uma em cada 100 mil pessoas. Contudo, um artigo sobre diabetes ou hipertensão com um N de 50 indivíduos, normalmente, não serve para muita coisa (só vale se eles conseguiram curar as 50 pessoas do estudo). Fariamos um levantamento equivalente no Carrefour Limão.

O estudo foi feito no Brasil? Se a resposta for “não”, algumas vezes, teremos de nos preocupar com a “nacionalização” da pauta. Por exemplo: uma análise do impacto do consumo de Ritalina entre estudantes ingleses e americanos pode render uma boa reportagem, mas será necessário conversar com especialistas brasileiros para esboçar um cenário do problema no País e sua provável relevância.

¹ Pessoalmente, acho que aqui cometemos um grave erro. Por quê? Por isso: <http://www.nytimes.com/2010/02/09/science/09tier.html>.

A conclusão do trabalho segura um lide? Alguns artigos chegam a conclusões do tipo: “óleo de peroba não cura câncer”, “o tratamento proposto, além de ser 20 vezes mais caro, é inferior aos disponíveis no mercado”, ou até “não conseguimos concluir nada com nossa pesquisa”. Normalmente, convém ignorar tais estudos.

Enfim, o “abstract” já nos situa sobre a eventual relevância da pauta e responde às principais perguntas. Uma última dica: não se assustar com siglas de proteínas, genes, fatores de expressão, células etc. A princípio, o importante é obter uma idéia geral dos **objetivos** e **conclusões** do estudo.

Depois de entender o “abstract”, devemos nos armar de coragem e ler o resto do artigo.

A “introdução” costuma situar o contexto da pesquisa e oferece informações valiosas para enriquecer nossa reportagem: resultados de pesquisas anteriores, número de pessoas com a condição estudada no paper, distribuição geográfica do fenômeno descrito etc.

Logo depois, há uma descrição de como foram feitos os experimentos, uma seção útil para a produção de infográficos com *storyboards* do tipo “passo a passo da pesquisa”. Convém prestar atenção às tabelas e gráficos presentes neste trecho do artigo científico. Também são úteis para infografia.

Por fim, há o espaço para “discussão” e “conclusões”. Se o artigo é honesto, revela suas limitações nestas seções ou discute possíveis críticas que outros especialistas podem levantar. Ou seja, existem informações valiosas para escrever reportagens ponderadas.

Dos autores

Os autores mais importantes de um artigo científico são o **primeiro** e o **último**. O primeiro é quem levou o piano nas costas: normalmente um mestrando, doutorando ou pós-doutorando. O último autor costuma ser o chefe do primeiro: normalmente um pesquisador titular que chefiou a pesquisa.

Às vezes, o artigo pode vir com advertências do tipo: “o primeiro e o segundo autores colaboraram igualmente para a pesquisa” ou “o penúltimo e o último autores chefiaram o estudo”.

Também é costume especificar um dos autores para responder questões sobre a pesquisa. O e-mail ou telefone informados no artigo pertencem a este pesquisador.

Se há brasileiros no estudo, obviamente, eles serão nossos principais interlocutores, não importando a ordem em que aparecem na lista de colaboradores. Muitas vezes, o principal mote para uma reportagem será divulgar pesquisa brasileira reconhecida lá fora.

É fácil identificar brasileiros quando estão vinculados a instituições do País, pois o nome destas instituições aparece na seção “author affiliations” do artigo científico. Não é tão fácil quando eles trabalham em universidades estrangeiras. Por isso, convém estar atento para nome e sobrenome dos autores: “Severino da Silva” ou “Fernando Mota” não são nomes comuns na China ou na Suécia. Obviamente, nem sempre vamos acertar: “Sabine Eggers” e “Stevens

Rehen” são pesquisadores brasileiros facilmente ignorados segundo o critério acima. De qualquer forma, vale a pena o esforço, pois autores brasileiros aproximam a pauta do leitor.

Conflitos de interesses

Revistas sérias exigem que autores especifiquem possíveis conflitos de interesse.

Normalmente, há uma seção “competing interests” que declara se algum dos autores possui algum tipo de interesse econômico ou político no resultado do estudo. A título de exemplo, podemos pensar em um artigo sobre a eficácia do Avastin – um conhecido oncofármaco – no combate ao câncer de esôfago. Se um dos autores trabalha para a Roche – empresa que fabrica o Avastin – haverá um alerta na seção “competing interests”: Fulano-de-tal trabalha para a Roche no departamento de novos medicamentos contra câncer.

Mesmo assim, a maioria dos conflitos de interesse permanece escondida. Um cientista não costuma mencionar que seu principal objetivo com a pesquisa é conseguir um lugar no conselho editorial de um periódico, obter uma linha privada de financiamento, ser nomeado para alguma agência de fomento ou simplesmente desmoralizar um inimigo de bancada.

Infelizmente, jornalista trata cientista como oráculo divino, uma perspectiva para lá de ingênua. “A Academia tem todas as misérias que costumamos encontrar fora dela: na política, nas empresas, nas organizações não-governamentais”, afirmava um repórter de ciência americano em visita a um jornal brasileiro. “Vocês, no Brasil, não perceberam isso ainda.”

Obviamente, conflitos de interesse não inviabilizam pautas. Mas temos a obrigação de mencioná-los ao estimado leitor quando os descobrimos.

Press releases

Universidades americanas contam com equipes de assessoria de comunicação eficientes e quase todos os cientistas recebem media training. Por isso, muitos artigos científicos internacionais já vêm com um “press release” bem escrito.

Press releases são instrumentos úteis, pois sugerem formas simples e eficazes de explicar a pesquisa. Nada contra utilizá-los. Por outro lado, seria ruim reduzir nosso trabalho a cozinhar releases. Releases podem servir para escrever breves no impresso ou textos protocolares no portal. Para qualquer coisa um pouco mais séria, no papel ou na web, convém ler o artigo, ouvir críticas de especialistas brasileiros, questionar os autores etc.



Especialistas brasileiros: onde encontrá-los?

Normalmente, ouvimos outros especialistas além dos autores da pesquisa que motiva nossa matéria. É uma boa forma de conseguir um contraponto e uma visão equilibrada do impacto das descobertas.

Infelizmente, costumamos ouvir sempre os mesmos especialistas. Isso é péssimo, pois dotamos de poder meia dúzia de sujeitos que, às vezes, só querem aparecer e mantemos na sombra muita gente competente que teria algo a dizer aos nossos leitores. Além disso, perdemos uma boa oportunidade de conhecer novas fontes e conseguir boas pautas.

É bom ter o celular do especialista batuta que comenta qualquer artigo sem sequer dar uma olhada nele. Mas deve ser o último recurso, quando recebemos uma pauta às 19 horas e precisamos fechá-la antes das 20 horas.

Em condições normais, vale a pena procurar sempre gente nova para comentar as pesquisas. Normalmente, com os artigos sob embargo, temos tempo para fazer isso.

Lattes

A principal ferramenta para encontrar pesquisadores brasileiros é o Currículo Lattes (lattes.cnpq.br), uma maravilha financiada pelo CNPq que recolhe o currículo acadêmico de todos os sábios nacionais.

Funciona assim:

- 1) Visite lattes.cnpq.br.
- 2) Clique em “Buscar” no “Currículo Lattes”.
- 3) Selecione “Assunto”.
- 4) Digite o tema que você procura.
- 5) Clique em “Buscar”.

Há alguns anos, o CNPq tirou o e-mail dos pesquisadores. Deixou apenas o telefone que eles informam (normalmente, um número genérico do departamento onde trabalham na universidade).

Sugiro:

- 1) Procurar o e-mail nos sites das universidades ou em papers publicados pelo pesquisador. Basta dar uma fuçada no Google.
- 2) Usar a boa e velha lista telefônica para encontrar o telefone da casa do pesquisador. Normalmente, basta falar para quem atender: “sou repórter e estou interessado na pesquisa do seu marido (ou esposa ou filho ou pai)”. É comum informarem o celular do gênio sem pestanejar.

Para lembrar, seguem os links das listas telefônicas brasileiras:

SP: <http://www.telefonica.com.br/residencial/atendimento/guiadeassinantes>

AL, AM, AP, BA, CE, ES, MA, MG, PA, PE, PI, PB, RJ, RN, RR e SE: www.102busca.com.br

AC, DF, GO, MT, MS, PR, RO, RS, SC e TO: Brasil Telecom

Scielo

Também vale a pena dar uma olhada no Scielo e procurar as pesquisas publicadas em periódicos brasileiros sobre o mesmo tema. Depois de encontrar os artigos, podemos procurar seus autores no Currículo Lattes ou na lista telefônica.

A busca do Scielo não é tão boa. Por isso, podemos utilizar um truque. Procurar no Google, acrescentando à nossa busca o seguinte comando:

site:scielo.br

Só aparecerão os resultados dentro do domínio do site do Scielo.

A mesma estratégia pode ser usada com sucesso na procura de currículos Lattes. Para procurar um especialista em “eletrólise”, por exemplo, poderíamos escrever no Google:

"eletrólise" site:lattes.cnpq.br

E clicar: “Pesquisar”.

Assessorias de imprensa que funcionam

Fica claro pelas dicas acima que não confio em assessorias de imprensa de universidades e institutos de pesquisa. Na medida do possível, vale a pena ignorá-las.

De qualquer forma, vale a pena citar algumas que se destacam pela prontidão:

PUC-SP: Boa para temas de ciências humanas: (11) 3670-8001/8002/8003/8227/8334

IOC-Fiocruz: Pesquisas na área de infectologia: (21) 2561-4830

Unifesp / Escola Paulista de Medicina: (11) 5579-1328 / 5085-0279 / 5539-4746 / 5084-8223

Dicas para entrevistas

Quatro dicas podem aumentar o rendimento de entrevistas:

1. Leia e pesquise o tema antes de conversar com o cientista. De um modo geral, isso empolga o pesquisador e aumenta o número de informações que ele está disposto a passar para você.
2. Se você ligou para o celular, vale a pena pedir o número do fixo (normalmente, você ganha com isso o telefone da casa, do consultório ou do laboratório do pesquisador). Se você ligou para o fixo, vale a pena pedir o celular no fim da conversa “para o caso de surgir alguma dúvida”.

3. Depois de ouvir a explicação do pesquisador, tente repetir para ele o que você entendeu. Desta forma, ele poderá corrigir possíveis erros conceituais.
4. Pergunte sempre no fim da entrevista quais as pesquisas que seu entrevistado está tocando. Verifique se há algo novo ou interessante. Normalmente, surgem boas pautas.
5. Não se esqueça de enviar por e-mail a matéria publicada (mesmo se você não usou aspas do pesquisador). É uma manifestação de respeito e gratidão que costuma surpreender as fontes. Além disso, ele provavelmente vai guardar sua mensagem e, se pensar em alguma sugestão de pauta, terá seus contatos.
6. Todos os dias, passe a limpo os contatos que você conseguiu.



Scientist



Journalist

Expects Next Article To Be Published In

18 months

18 hours

Area of Expertise

role of P32 protein in suppression of expression of X8732 in lymphoma cells

Writing really fast

Idea of an interesting article about cancer

Knockout mice lacking P32 develop 94% higher rates of minimally differentiated acute myeloblastic leukemia but P32/X8732 double knockouts only have a 34% elevated rate

Scientists Find Leukemia Gene: Is Your Child At Risk?

Críticas e correções a esta apostila são bem-vindas